

Do eterno ao transitório: para uma genealogia da velocidade em Murilo Mendes

Maurício Osório Krebs*

Resumo:

Tendo como objeto uma obra poética de múltiplos aspectos como de Murilo Mendes, procura-se verificar as relações entre essa obra e a história. Para tal, parte-se das considerações de Theodor Adorno a respeito da natureza da lírica e seu caráter social, à análise do poema "Texto de Consulta", publicado na obra *Convergência* (1970).

O poeta moderno Murilo Mendes (1901-1976) publicou seu primeiro livro, *Poemas*, em 1930. O último, *Retratos Relâmpago*, foi publicado em 1973. Este intervalo de quase meio século corresponde a uma produção poética e intelectual que se encaixa, curiosamente, bem no meio do século que acabou. Sua produção não é somente um importante registro estético, mas também um legado cultural.

No entanto, por características próprias, esta "poesia bicho da seda" nunca deixou de mudar ao longo dos anos. Essa é a principal dificuldade que encontramos: a aparente impossibilidade de fixar um ponto exemplar, representante do conjunto da obra muriliana. Assim, apresentamos um estudo específico de configurações históricas em *Convergência* (1970) - ponto nevrálgico da sua obra poética.

A justificativa dessa aparente contradição entre um conjunto de poemas que não tem balizas fixas e uma obra que chamo de *ponto nevrálgico* se faz segundo o próprio caráter do poeta mineiro. Murilo Mendes não possuía um "espírito gregário": era incapaz de se fechar em grupos ou seitas estéticas, considerando-se "terrivelmente eclético" nas preferências. Decerto esses aspectos de caráter dotaram sua poesia de uma liberdade de ação e pensamento notáveis. Com o passar das décadas sua poesia absorveu tantas formas, informações e influências quanto possível, sem desviar-se de um centro estético/filosófico de pensamento bastante atento e exigente.

Dentro deste contexto, o último livro de poesias publicado pelo autor, *Convergência*, como seu próprio título sugere, funciona como um vértice de questões e formulações amadurecidas durante décadas, e que, paradoxalmente, instaura um novo nascimento no ponto final da poesia de Murilo Mendes. Deve ser compreendido como uma passagem, e não um ponto de referência fixo - impossível dentro da concepção muriliana de poesia.

Deste modo, partimos da proposta que é o rastreamento das configurações históricas possíveis dentro da poesia muriliana, com o apoio na análise do poema "Texto de Consulta", extraído de *Convergência*. Tal análise nos ajudará a compreender a formulação histórica dessa poesia.

* Aluno de graduação e bolsista de iniciação científica, está vinculado ao projeto integrado "A poesia, a crítica e o exercício da modernidade no Brasil" desde 1998, desenvolvida no Núcleo de Literatura Brasileira Guilhermino César da Universidade Federal do Rio Grande do Sul.

Naturalmente, quando pensamos neste tipo de articulação, vem a tona a suposta resistência do objeto (poesia) à finalidade proposta (leitura histórica). Esta idéia se faz presente cedo, a partir do estudo da própria conceituação do gênero poético: chegamos quase que inadvertidamente a definição da lírica como lugar do sujeito. A lírica seria então o gênero afeito ao isolamento subjetivo, as aspirações e visões do homem enquanto indivíduo, organismo isolado, não apresentaria na sua essência o aspecto primordialmente transubjetivo a partir do qual deveria se instaurar o discurso histórico ou social. A poesia seria, em suma, refratária à história.

A partir desta visão, faria muito mais sentido procurar, pensando em um objeto já intrinsecamente resistente a esse tipo de análise, figurações históricas em poemas cujo próprio tema seja a história, como por exemplo, no segundo livro publicado por Murilo Mendes, *História do Brasil* (1932). Trata-se de um conjunto de poemas de cunho satírico, poemas-piada ligados ao momento inicial do modernismo no Brasil. Estes poemas refazem o percurso de nossa história “oficial”, repassando com humor momentos e personagens brasileiros. É quase impossível duvidar da temática histórica de versos como na poesia “Bacharel de Haia”, sobre Rui Barbosa:

“Um dia, velho, morreu
O país chorou a perda
de seu filho amado e ilustre.
A consternação foi geral.
Sobretudo entre os bicheiros:
No dia de sua morte
Deu água, todo mundo
Jogara nela...que azar!”
(Mendes 1994:178)

Nessa “homenagem poética” podemos encontrar a História ironicamente tematizada em sua forma mais cristalina. No entanto, aqui o objeto é outro, o livro *Convergência*. Nele, pelo contrário, notamos a ausência de temas históricos, apesar de sobraem personagens. Isso porque na primeira e segunda parte da obra, compostas das seções denominadas “Grafitos” e “Murilogramas”, encontram-se poemas dedicados a personagens da cultura universal e brasileira. No entanto, estes personagens sempre aparecem figurados a partir de uma impressão absolutamente pessoal, lírica, e por que não dizer, muriliana. Muitas vezes, esses personagens são mais vagos motivos inspiradores que propriamente temas dos poemas. Já na terceira parte do livro, “Sintaxe”, desaparecem até mesmo os indícios históricos. Teríamos uma configuração ahistórica? Isso é possível? Seria plausível extrair tais interpretações de versos como os de “As andorinhas”?

“As andorinhas giram miram viram, piam piadas, microfilmam a nuvem, sobre voam casos, sobrevoam casas, quebram fios, quebram copos, falam mal de mim, falam mal de mim. Não existe mam, não existe mem, não existe mom, não existe mum. Portanto elas falam mal de mim. Giram, miram, piam.”
(Mendes 1994:735)

Como buscar historicidade num objeto configurado ahistoricamente, num gênero de historicidade não evidente? Matemática básica: menos com menos é igual a mais, lembram? Pois sim: Adorno.

No “Discurso sobre a lírica e sociedade”, o filósofo alemão Theodor W. Adorno vê no princípio da individuação da poesia sua principal virtude social. Apoiado numa ótica apontada para a lírica moderna, afirma que o Eu expresso no poema se apresenta como o contrário da objetividade coletiva da multidão. A lírica reafirmaria a individualidade do homem contra as opressões coisificantes da sociedade, via adoção da linguagem poética tornada particular e não-coletiva. “Individualidade” e “individual” na concepção adorniana significam resistência a uma sociedade que esmaga as individualidades, representando o homem através de abstrações frias e números sem rosto. Portanto, segundo o próprio filósofo “justamente o que na poesia não é social deverá constituir agora seu elemento social”. (Adorno S/d: 206)

A historicidade da poesia de Murilo Mendes estaria, pois, instaurada a partir da particularização da linguagem, a busca da “palavra virginal”, como diria Adorno. A palavra “não-suja”, não contaminada pelo excesso de sentidos e imagens associados que acabam por esvaziá-la.

Entendendo a teoria adorniana da historicidade da lírica como paradigma do estudo em questão, passemos ao poema “Texto de Consulta”,¹ de *Convergência*, uma sucessão de versos curtos que condensam questões referentes à natureza da linguagem, da palavra e da poesia. Boa parte dos versos aparece em forma de pergunta, sendo sucedidos pela sua antítese. A princípio, não há preocupação com uma síntese de tais questões, o que ajuda a confundir o leitor. Como um demiurgo alucinado, o poeta cria uma velocidade estonteante, instaura o microuniverso da palavra: parte do nascimento (*a criação do texto na primeira parte*), passa pelo desenvolvimento (da *segunda à sétima*), chega à morte (*na oitava parte*), até culminar no juízo final (*na nona parte*).

A tendência anti-discursiva expressa em “Texto de Consulta” vinha se desenvolvendo acerca de duas décadas na poesia de Murilo Mendes. Ela é atestada através dos versos curtos e diretos, ou do uso cuidadoso dos verbos, da resistência ao adjetivo, da obsessão pelos substantivos. É em *Convergência* que se solidifica a “substantivação” da poesia muriliana, assinalada por Haroldo de Campos no ensaio *Murilo e o mundo substantivo*: os versos tendem a isolar-se, criando unidades de sentido próprio e acabado, abolindo a organicidade tradicional, partindo para uma estrutura de fragmentos que ricocheteiam em várias direções. Mas como estas tendências estéticas se articulam com a história? O que elas tem a ver com o século da modernidade?

Sem confundir modernidade com modernismo, sendo aquela um período histórico que deita suas raízes na Renascença européia e tem como fato principal a revolução industrial, e o modernismo - série de tendências estéticas surgidas no início do século que acabam por questionar os paradigmas usuais da arte, pode-se evidenciar um vínculo entre a fugacidade desta poesia e o nosso século.

¹ Ver anexo

Já havíamos assinalado a velocidade instaurada em “texto de consulta”, seja na sua organização sintática formal, ou mesmo no seu conteúdo/efeito demiúrgico. O próprio Murilo Mendes atesta a velocidade como um dos fatores fundamentais para a poética moderna. Num de seus conhecidos textos sobre o amigo e filósofo Ismael Nery, endossa a definição baudelaireana de modernidade na poesia:

“Trata-se de extrair da vida o que ela pode conter de poético no histórico, de tirar o eterno do transitório. A modernidade é o transitório, o fugidio, o contingente, a metade da arte cuja outra metade é o eterno e o imutável”.

(Mendes 1996:106).

A velocidade dos versos e fatos se presentifica na própria anti-discursividade do “texto de consulta”: fragmentadas, as imagens fluem sem direção certa, como o fenômeno da implosão da informação nesse final de século XX.

Aqui cabe, antes de mais nada, um esclarecimento. Já foi discutido o suposto “concretismo” da última poesia de Murilo Mendes. De fato, há posições congruentes entre o movimento e algumas posições do poeta. Sobre isso, um conselho de Murilo ao poeta gaúcho Armindo Trevisan nas cartas que os dois trocavam é esclarecedor:

“Você [Armindo] precisa sem dúvida reformar sua concepção de poema. Sem exigir que faça poesia “concreta”, reflita que o poema tradicional analítico-discursivo não satisfaz mais a exigência atual de nosso espírito”

(Trevisan 1995: 108)

De resto, a anti-discursividade é uma tendência que ultrapassa a poesia concretista, equívoco que pode acabar ocorrendo em parte por causa de uma possível carência quantitativa crítico-cultural brasileira, parte por uma inclinação dos poetas concretos em pensarem o seu movimento como o ápice da civilização.

Quanto à velocidade, pode-se dizer que ela representa, desde o Futurismo, uma égide de nosso tempo. Afinal de contas, um dos fatos mais atuantes e ainda presentes no nosso dia-a-dia é a chamada segunda Revolução Industrial, fenômeno surgido em meados da segunda metade deste século: a automação. A indústria, mesmo a partir da primeira Revolução Industrial, era calcada no artesanato, no objeto único valorizado em si. A máquina a vapor apenas substituía o trabalho muscular. Já a partir da segunda Revolução Industrial, a automação substitui o tempo durável do objeto artesanal, pelo tempo de consumo do objeto em série. A linha de montagem projetada por Ford (o primeiro protótipo de desenho do tempo) acaba por concretizar a profecia de W. Benjamin quanto à destruição da aura: o objeto industrial surge em massa; é com espantosa velocidade que ele se desgasta e é substituído por outro, idêntico. Passamos de uma sociedade de produção para uma sociedade de consumo.

Frente a esta realidade, o poema “Texto de Consulta” apresenta um discurso que particulariza a tal ponto a linguagem poética, se afastando da discursividade verbal, que leva às últimas conseqüências a contradição fundamental entre expressão poética e linguagem comunicativa utilitária. A velocidade antidiscursiva, então, se

configuraria na representação de um afastamento do poeta da capacidade de comunicação objetiva do espírito, a partir da recriação poética da palavra como “adâmica”: no início, era o verbo. É claro que esse movimento tende a tornar o poema “opaco”, ou seja, sem referente óbvio ou mesmo fixo. É oportuno lembrar que esta contradição entre expressão poética e linguagem utilitária permeia boa parte da lírica moderna e contemporânea; a poesia de Murilo, sintonizada, não poderia ficar imune.

Se aceitarmos a premissa de Octavio Paz de que a missão do poeta é de limpar as palavras da tribo, então podemos considerar Murilo Mendes inserido dentro desse contexto. No atual mundo de consumo e produção em massa de hiper-abundância imagética, acaba ocorrendo o que os filósofos da linguagem chamam de “queima de sistema”: o código fica tão cheio de informações, inchado de redundâncias, que perde sua eficiência. Cabe à palavra poética cumprir a importante missão de reconstruir as pontes: o que liga o homem ao homem, a palavra à palavra. Ou, segundo as palavras do poeta, “tirar o eterno do transitório”.

Murilo Mendes pensa a questão poeticamente. Particulariza o discurso em favor da velocidade anti-discursiva. Reafirma o sujeito e o eterno a partir de configurações atualíssimas e de uma poesia que, ironicamente, não é redundante nem comunicativa - se apropria de um sistema para criticá-lo.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ADORNO, Theodor W. (s/d) *Conferência sobre lírica e sociedade*. In: Coleção Os Pensadores. São Paulo: Abril, S/d
- CAMPOS, Haroldo de (1976) *Murilo e o mundo substantivo*. In: *Metalinguagem - Ensaios de teoria crítica Literária*. São Paulo: Cultrix, 1976.
- CASTAÑON, Guimarães, Júlio.(1986) *Murilo Mendes*. São Paulo: Brasiliense, 1996.
- MENDES, Murilo. *Convergência*.(1994) In: *Poesia completa e prosa*. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1994.
- _____ (1994) *História do Brasil*. Idem.
- _____ (1996) *Recordações de Ismael Nery*. São Paulo: Edusp, 1996.
- TREVISAN, Armino. (1995) *Poética: conselhos literários de Murilo Mendes*. Revista Cultura Vozes, N.1. Fevereiro de 1995.

ANEXO

Texto de consulta - Murilo Mendes

1

A página branca indicará o discurso
Ou a supressão do discurso?

A página branca aumenta a coisa
Ou ainda diminui o mínimo?

O poeta é o texto? O poeta?
O poema é o texto + poeta?
O poema é o poeta - o texto?

O texto é o contexto do poeta
Ou o poeta é o contexto do texto?

O texto visível é o texto total
O antetexto o antitexto
Ou as ruínas do texto?
O texto abole
Cria
Ou restaura?

2

O texto deriva do operador do texto
Ou da coletividade - texto?
O texto é manipulado
Pelo operador (ótico)
Pelo operador (cirurgião)
Ou pelo ótico-cirurgião?

O texto é dado
Ou dador?
O texto é objeto concreto
Abstrato
Ou concretoabstrato?

O texto quando escreve
Escreve
Ou foi escrito
Reescrito?
O texto será reescrito
Pelo tipógrafo / o leitor / o crítico;
Pela roda do tempo/
Sofre o operador:
O tipógrafo trunca o texto
Melhor mandar à oficina
O texto já truncado.

3

O texto é o micromenambó do poeta
Ou o poeta é o macromenambó do texto?

4

A palavra nasce-me
fere-me
mata-me
coisa-me
ressuscita-me

5

Serviremos a metáfora/
Arquivaremos a/
Metáfora: instrumento máximo
CASSIRER
A própria linguagem do homem
ORTEGA Y GASSET
Invenção/translação

6

A palavra cria o real?
O real cria a palavra?
Mais difícil de aferrar;
Realidade ou alucinação?

Ou será a realidade
Um conjunto de alucinações?

7

Existe um texto regional/nacional
Ou todo o texto é universal?
Que relação do texto
Com os dedos? Com os textos alheios?

Giro
Com o texto a tiracolo
Sem o texto
Não decifro o itinerário.

Toda a palavra é adâmica:
Nomeia o homem
Que nomeia a palavra.

Querendo situar objetos
Construímos um elenco vertical
Enumeração caótica?

8

Morrer: perder o texto
Perder a palavra / o discurso

Morrer: perde o texto
Ser metido caixa
com texto
sem texto.

9

Juízo final do texto:
Serei julgado pela palavra
Do dador da palavra / do sopra / da chama

O texto-coisa me espia
Como o olho de outrem
Talvez me condene ao ergástulo

O juízo final
Começa em mim
Nos lindes da
Minha palavra.